

Justificação pela Fé e Missão num Contexto Multirreligioso e Multicultural

Devasahayam W. Jesudoss

Introdução

Sou grato ao Dr. Kirst, da Secretaria de Educação Teológica da Federação Luterana Mundial, por me convidar a apresentar este estudo, que, por casualidade, é a minha primeira exposição numa conferência internacional.

Fui pessoalmente beneficiado ao redigir este texto, na medida em que tive que me confrontar com os conceitos teológicos implicados neste tema e com sua relevância para o contexto do Terceiro Mundo hoje. Tive à disposição muita literatura para os conceitos de “justificação pela fé e missão”, mas para a segunda parte foram necessárias algumas idéias originais, provavelmente seminais.

A própria expressão “justificação pela fé” imediatamente trouxe à minha memória a Assembléia da FLM realizada em Helsinki, em 1963, que se reuniu sob este tema. Fui informado das calorosas discussões que houve nos diversos grupos; seus relatórios foram finalmente passados ao plenário da Assembléia, que não conseguiu chegar a um relatório unânime. Ela apenas recebeu os relatórios e os encaminhou à Comissão Teológica para que esta os examinasse mais profundamente e produzisse um informe coerente. Se isso aconteceu em 1963 com o tema central da Reforma (Artigo IV da Confissão de Augsburgo), podemos muito bem imaginar sua posição atual sobre o pano de fundo e na realidade do pluralismo religioso.

Gostaria de iniciar nosso debate com um incidente acontecido em minha vida. Estive atuando, certa vez, num programa evangelístico. Levei comigo alguns estudantes, e estávamos caminhando para uma aldeia distante. No caminho um jovem daquela aldeia juntou-se a nós. Observando-nos com curiosidade, fez muitas perguntas: Quem éramos? Por que íamos àquela vila? Qual era a finalidade do projetor, dos cartazes, etc.? Quando expliquei a razão, ele disse: “Ah, vocês são cristãos! Conheço alguns cristãos. Vocês ensinam um modo de vida fácil: crêem que mesmo que seus pecados sejam vermelhos-escarlate, o seu Deus vai perdoá-los. Basta vocês se ajoelharem diante do seu altar e pedirem perdão, e isso vocês fazem cada domingo. Mas para nós não é tão fácil assim. Nós temos que fazer compensação: tomar *kavadi*, ou jejuar por 40 dias, ou fazer uma peregrinação, ou banhar-nos no Ganges, ou fazer ofertas em Thirupathi, ou dar aos pobres. Mas vocês alcançam perdão por nada.”

Ele questionou a minha fé. Esse incidente mexe com todos os aspectos da justificação pela fé e do evangelismo no contexto do Terceiro Mundo, e levanta muitas questões pertinentes e relevantes para o mundo contemporâneo. Para entender esse jovem, eu teria que saber algo sobre a sua religião e cultura.

Ludwig opina que os luteranos entram no campo do pluralismo religioso e reconhecem a sua realidade mais tardiamente que vários outros. Segundo este autor, as doutrinas luteranas têm bem pouco, de fato, *nada* a dizer sobre pluralismo religioso¹. Contudo, as atas da Quarta Assembléia da FLM, reconhecendo a importância do papel exercido pelos contextos, afirmam:

Foi reconhecido amplamente que mesmo na Bíblia a justificação, embora sendo indubitavelmente a forma-chave, de modo algum é a forma mais frequente na qual o evangelho é proclamado; o evangelho precisa ser dirigido à situação humana de muitas formas.²

Diante de tão variados interesses existentes entre os teólogos luteranos de hoje, qual pode ser nossa atitude como educadores teológicos responsáveis pela formação de pastores para nossas igrejas?

A observação seguinte, de Paul Rejashekar, visualiza uma direção:

Ser fiéis aos nossos princípios herdados não significa necessariamente que repetamos a linguagem desses princípios; antes, deveríamos desenvolver princípios que continuem a representar a gramática dessa fé, as razões pelas quais esses princípios foram desenvolvidos.³

Esta concepção está em conformidade com o mandato dado pelos planejadores desta conferência, a saber, *Repensando a Teologia de Lutero nos Contextos do Terceiro Mundo*.

Metodologia

Falar da *justificação pela fé* por si só já é suficientemente peculiar devido ao seu caráter central e às diferenças de opinião entre os teólogos luteranos. Mas ainda tratar este tema juntamente com o conceito de *missão no contexto multirreligioso e multicultural* é de fato uma tarefa árdua. Posso apenas imaginar um malabarista que toma seis pratos e joga todos ao ar, e fica atirando-os e pegando-os tão rapidamente que a gente acha que ele tem pelo menos três pares de mãos. Classifiquei o tema sob os seguintes três títulos, porém cada subdivisão terá que levar em conta as outras duas seções também. Isso significa que, ao falar sobre o contexto multirreligioso e multicultural, tenho que ter numa mão o conceito de “justificação pela fé e missão” e, na outra, sua relevância para hoje. Também tive que resolver o problema se o conceito “missão” deve ser relacionado com “justificação pela fé” ou tratado separadamente. Optei pela última modalidade⁴.

Justificação pela Fé e Missão

Este trabalho não pretende fazer uma exposição do conceito luterano de justificação pela fé. Temos suficiente material sobre ele, nos diversos livros, palestras e relatórios de grupo da Quarta Assembléia da FLM. Tenciono somente destacar certos aspectos do conceito de justificação, tendo em mente sua relação com e sua relevância para a missão da Igreja e o contexto do Terceiro Mundo. Merecem nossa atenção as seguintes citações de Lutero:

Eu fora tomado por uma extraordinária paixão em conhecer a Paulo na Epístola aos Romanos. Mas fazia-me tropeçar (...) em única palavra no primeiro capítulo: “A justiça de Deus é nele revelada.” (...) Isso porque (...) o uso e o costume de todos os professores me havia ensinado a entendê-la filosoficamente como justiça formal ou ativa (como a chamam), segundo a qual Deus é justo e castiga os pecadores e injustos.

Eu não amava o Deus justo, que pune os pecadores; ao contrário, eu o odiava. Mesmo quando, como monge, eu vivia de forma irrepreensível, perante Deus eu me sentia pecador, e minha consciência me torturava muito. Não ousava ter a esperança de que pudesse conciliar a Deus através de minha satisfação. E mesmo que não me indignasse, blasfemando em silêncio contra Deus, eu resmungava violentamente contra ele. (...) Não obstante, teimava impertinentemente em bater à porta desta passagem; desejava com ardor saber o que Paulo queria. Aí Deus teve pena de mim. Dia e noite eu andava meditativo, até que por fim observei a relação entre as palavras: “A justiça de Deus é nele revelada, como está escrito: o justo vive por fé.” Aí passei a compreender a justiça de Deus como sendo uma justiça pela qual o justo vive através da dádiva de Deus, ou seja, da fé. (...) Então me senti como que renascido, e entrei pelos portões abertos do próprio paraíso. Aí toda a Escritura me mostrou uma face completamente diferente. (...)

Assim como antes eu havia odiado violentamente a frase “justiça de Deus”, com igual intensidade de amor eu agora a estimava como a mais querida. Assim esta passagem de Paulo de fato foi para mim a porta do paraíso.⁵

A pessoa, porém, não é justificada e salva por obras nem por leis, mas pela palavra de Deus (isso é, pela promessa de sua graça), para que permaneça a glória da majestade divina, que não nos salvou por obras da justiça que nós fizemos, mas de acordo com sua misericórdia, por meio da palavra de sua graça, quando cremos.⁶

Justificação — Forense ou Efetiva?

A história da teologia luterana contém amplas evidências que mostram que houve uma nítida divisão entre os teólogos luteranos quanto a essa questão. Alguns deles ativeram-se à concepção de que a justificação é um ato jurídico de Deus, no qual o pecador crente, por causa do mérito de Cristo,

é declarado justo pela remissão dos pecados e pela imputação da justiça de Cristo⁷, ao passo que outros ensinaram a justificação da pessoa pecadora que se torna justa na comunhão com Deus⁸. A questão básica que surge nesse contexto trata de duas interpretações: se a justificação é por fé ou por graça, imputação ou declaração de favor ou oferta; se a justificação tem a ver com a vida do cristão ou com a doutrina da Igreja, com a palavra de Deus ou com os atos da pessoa; se a justificação inclui ou exclui a santificação.

Justificação e Justiça

Para Lutero, assim como para Paulo, o termo “justificação” tinha uma conotação jurídica. O pano de fundo é uma cena de tribunal. Ambos estavam obcecados com a intrincada relação da justiça através do cumprimento da lei, até que ficaram totalmente desalentados nesta tentativa. Lutero encontrou uma justiça melhor, proveniente de sua fé em Cristo. A justiça que provinha da lei era inferior porque não tinha lugar para o amor agapético. O que Lutero não expressou claramente é como ele distinguia fé e amor. Para ele fé (em Cristo) significava amor. Por isso detestava obras da lei. Para ele a justificação pela fé era viver no amor.

Ele encontrou dois tipos de lei. Segundo a primeira declarava-se “um monge impecável”, e pela outra condenava-se ao inferno eterno⁹. Não se fez muita pesquisa a respeito desses dois tipos de lei, que poderiam resultar em dois tipos de fé, dois tipos de justificação e, assim, dois tipos de vida cristã¹⁰. Portanto, para Lutero o conceito de justificação jamais poderia ser separado de seu conceito de justiça. Poderíamos também empreender uma pesquisa sobre o conceito de justiça em Lutero no contexto do Terceiro Mundo.

Justificação e “Anfechtung” (Tribulação)

Na citação acima encontramos a referência de Lutero à sua consciência atribulada. Diferentes pesquisadores escreveram acerca do papel da *Anfechtung* em Lutero. Não há dúvida de que os temores incuráveis e espirituais que Lutero tinha correspondem diretamente ao seu conceito de justificação. Se a fé é verdadeira, ela deveria e precisa assustar e aterrorizar a consciência da pessoa, deixando-a contrita e então soerguendo-a para consolação e preservação¹¹. W. Lohff chega ao ponto de afirmar que a justificação não faz sentido para alguém cuja consciência não esteja “aterrorizada”¹². Portanto, a compreensão luterana da justificação pela fé depende da compreensão de Lutero a respeito da realidade de Deus como juiz, do ser humano passando por *Anfechtungen*, de Deus condenando o pecador antes de redimi-lo, e do ser humano vivendo como *simul iustus et peccator*. O conceito de justificação pode ser corretamente entendido nessa estrutura; de outro modo será suscetível de mal-entendidos.

O folheto *On Justification*, editado pela Comissão Teológica para a Assembléia da FLM em Helsinki, resumiu quase todos os aspectos: a base bíblica, os possíveis mal-entendidos, a falta de definição de certos termos, as acusações de não-luteranos e a forma correta de entender a justificação pela fé¹³. Segundo o Catecismo Evangélico para Adultos, das Igrejas Evangélicas Luteranas Unidas da Alemanha, a justificação consiste em *declarar* alguém justo e simultaneamente em torná-lo justo¹⁴. Contudo, a diferença também deve ficar clara; somos feitos justos porque somos declarados justos e não vice-versa¹⁵.

Justificação e Missão num Contexto Multirreligioso e Multicultural

Caso se preparasse um trabalho somente sobre justificação pela fé, ele seria bem diferente em suas conclusões do que se o trabalho fosse preparado sobre justificação pela fé e missão.

Agora, o principal aspecto da interpretação do conceito de justificação seria a missão. São duas coisas diferentes ter a missão como motivo da justificação, e fazer da justificação o motivo da missão. Para a segunda a doutrina torna-se o critério, ao passo que para a primeira a compreensão do contexto se torna decisiva.

Nesta parte eu gostaria de enfatizar a importância do contexto multirreligioso e multicultural. Cada era tem uma compreensão específica do contexto para a missão, mas todas as pessoas diferem na maneira pela qual se deixam influenciar por ele. Esta parte requer pensamento pioneiro, porque muito pouco foi feito neste campo. Braaten ressaltou enfaticamente a necessidade de se ocupar com outras religiões do mundo¹⁶.

A tentativa do Conselho Mundial de Igrejas de discutir as implicações do diálogo inter-religioso para a educação teológica vai um passo adiante ao admitir a inércia e indiferença das igrejas cristãs em enfrentar os problemas que surgem num contexto multirreligioso e multicultural¹⁷. Ariarajah critica a dependência dos educadores teológicos do Terceiro Mundo em relação às estruturas teológicas ocidentais, as quais não os ajudarão a desenvolver uma teologia para o seu contexto multirreligioso¹⁸. Ele também recomenda um incremento no uso da Bíblia na aprendizagem teológica, enfatizando especialmente os autores universalistas da Escritura (p. ex. Isaías, Rute, Amós). Amirtham pensa que os cristãos asiáticos não levaram em conta o seu contexto multirreligioso na sua compreensão da missão e do ministério da Igreja¹⁹. Ele também sustenta que este novo desafio não pode valer somente para os asiáticos, e sim para os europeus e norte-americanos também, porque a perspectiva global não pode ser sacrificada²⁰.

Gostaria de mencionar aqui somente mais uma pessoa, que é Robin Boyd. Ele é um dos primeiros a criar entre os indianos uma consciência de que sua teologia tem que ser escrita em seu contexto multirreligioso e multicultural. Embora a sua coletânea de teólogos da Índia não inclua nenhum luterano, ele próprio escreveu um breve capítulo sobre justificação pela fé no livro *Khristadvaita; a Theology for India*²¹. O único teólogo luterano que escreveu uma teologia para a Índia, em tâmil e parcialmente em inglês, R. Fröhlich, de Gurukul, também se esquivou de fazer da justificação o conceito central de seu tratado teológico²². Fröhlich admoesta que missão na Índia deveria significar contar a história de Cristo, e não ensinar doutrinas²³. É interessante notar que W. Hoerschelmann é da opinião de que as emergentes igrejas independentes da Índia adotam seu culto, ministério e missão de acordo com seu contexto indiano²⁴.

O “Background” Indiano

Haveria muito que dizer sobre pobreza, justiça, as idéias religiosas do *Karma-janmantara*, as teorias à maneira do gato e do macaco, etc. Talvez durante o tempo de discussão eu possa desenvolver estes pontos. Num país como a Índia, em que a justiça pode ser facilmente pervertida, o conceito de justificação não pode ser muito atraente. Apesar de M. M. Thomas pensar que Gandhi tornou o conceito do sofrimento vicário inteligível para a Índia, persiste a pergunta se os hindus estão dispostos a sacrificar a teoria da retribuição no altar do sofrimento vicário²⁵. Embora possa demorar muito até que todos os cristãos indianos entendam o pluralismo religioso (porque a mensagem não alcançou o nível das bases), é muito pertinente a afirmação de Ludwig: “Uma teologia da cruz é uma teologia em diálogo.” Ele aceita o risco implicado neste diálogo, mas deseja assumi-lo por causa da missão no ministério do evangelho de Cristo²⁶. Merece nossa atenção a sensação geral de que, enquanto o Ocidente dá maior importância à compreensão paulina de justificação, a compreensão oriental está mais próxima das concepções de João.

Repensando a Teologia de Lutero num Contexto Multirreligioso e Multicultural

A teologia de Lutero teve imensa importância para a Igreja durante a Reforma, e a justificação pela fé foi seu tema central. Até certo ponto os países do Terceiro Mundo estão numa situação semelhante à da época de Lutero, e por isso certamente é proveitoso atentar para a teologia de Lute-

ro²⁸. Se bem que quase cinco séculos tenham passado, a situação econômica, a taxa de analfabetismo e outros fatores no Terceiro Mundo justificam que estudemos Lutero novamente e num nível mais profundo. Entretanto, desde o tempo de Lutero houve grandes mudanças a nível global, com respeito à cosmovisão, ao conceito de Deus, à inspiração das Sagradas Escrituras, à consciência política, etc. Vejamos como o conceito de Lutero acerca da justificação pela fé pode ser repensado e melhor entendido nesse novo contexto.

A Situação Mudada

O conceito de Deus e a realidade de sua presença mudaram consideravelmente, em especial após as descobertas científicas de Galileu e Copérnico. Hoje ninguém gosta de ouvir falar do temor a Deus, mas somente do amor de Deus²⁹.

No Sul da Índia temos muitos grupos eclesiais com nomes tais como: “Jesus ama”, “Jesus salva”, “Jesus basta”, “Jesus chama”, etc. Hoje, a figura de Deus como juiz sentado no trono executando a justiça de uma forma ou outra passou ao esquecimento³⁰. Temos que dedicar mais tempo para discernir como e porque essa mudança aconteceu, se queremos saber qual é o papel da justificação pela fé hoje em dia. É possível encontrar hoje pessoas à procura de um Deus gracioso? A pergunta: “Como posso encontrar um Deus gracioso?” converteu-se na pergunta: “Como posso encontrar uma vida com sentido?” A primeira traz uma marca jurídica e tem um significado exclusivo no vocabulário religioso, enquanto que a segunda tem um aspecto geral e inclusivo, tangenciando a esfera filosófica³¹.

O documento da FLM sobre justificação contém suficiente testemunho dessa mudança marcante.

A Quarta Assembléia da FLM também encarou e levou em conta uma mudança na compreensão das Escrituras e dos diversos termos teológicos que Lutero usou no seu tempo³². Nós luteranos temos que nos sentar e considerar o conceito de *sola scriptura* sobre o pano de fundo de todo o conjunto de crítica textual, formal e redacional, para chegar a uma compreensão mais clara do papel e lugar da Bíblia, especialmente no trabalho missionário numa sociedade de pluralismo religioso³³.

Heineken faz uma observação interessante: hoje talvez não saibamos o valor do conceito de justificação porque não temos o mesmo sentido e valor para a lei como nos dias de Lutero, tendo perdido, portanto, a compreensão da correta relação entre lei e evangelho³⁴. Essa observação requer séria consideração, mas isto está fora do alcance deste estudo³⁵.

A Quarta Assembléia da FLM sabia muito bem que a Igreja primitiva proclamou o evangelho de Cristo sem fazer da doutrina da justificação pela fé o centro do mesmo. Por isso, a Assembléia recomendou aos luteranos

nos que reexaminem o conceito de justificação “à luz das Escrituras, de modo que não seja meramente propaganda partidária e sim busca da plenitude do evangelho”³⁶. Ariarajah propõe que a Bíblia e estudos bíblicos — especialmente escritores universalistas como Isaías, Rute, literatura sapiencial — deveriam ganhar destaque nos estudos teológicos no Terceiro Mundo³⁷.

Pluralismo Religioso e Dietrich Bonhoeffer

Saber do pluralismo religioso na teoria é muito diferente de viver numa sociedade pluralista. Ela atinge as pessoas na rotina diária de sua vida, e elas podem ou puxar briga ou escolher métodos pacíficos de coexistência. Tem uma conexão direta com a característica, o tipo ou o tamanho de uma nação. Às vezes, na história mundial, a religião dividiu as nações e lhes deu novas fronteiras, p. ex., Índia/Paquistão, a Alemanha logo após a Reforma (*cuius regio eius religio*). *Regio* e *religio* são fatores interdependentes que se influenciarão mutuamente em proporção direta ou inversa.

Aqueles que não estimam a profundidade dessa afirmação pensam superficialmente que pluralismo religioso seria a mesma coisa em qualquer país. A natureza do pluralismo religioso pode ser julgado somente à base de:

1. Proximidade das religiões implicadas numa área específica³⁸.
2. O tipo de princípios que servem de grandeza unificadora entre elas.
3. Os tipos de forças desagregadoras que atuam entre elas³⁹.
4. A força do espírito nacional⁴⁰.

A descrição acima revela que uma sociedade pluralista tem muitos fatores não-teológicos que influenciam o pluralismo religioso.

Ao falarmos de pluralismo religioso, lembro-me imediatamente de um teólogo que, segundo Boyd, é “provavelmente o mais influente de todos os teólogos alemães do século XX”, a saber, Bonhoeffer⁴¹. Bonhoeffer fala do “homem que atingiu a maioridade” e do secularismo cristão⁴². Isso vai de mãos dadas com a elaboração de uma base apropriada para uma teologia dialogal. Ele compôs um poema: Cristãos e pagãos dirigem-se a Deus pedindo ajuda; os cristãos participam do sofrimento de Deus; Deus dá a sua vida e perdoa a ambos⁴³. Bonhoeffer escreveu sobre o mal-entendido da graça de Deus ser considerada barata. Em outras palavras, significaria que também há uma justificação barata, aquela da qual falou o jovem hindu. O custo da justificação é a cruz de Cristo, e apenas uma fé cara pode aceitar a justificação cara. Bonhoeffer pensava que, se Lutero viesse hoje, diria exatamente o contrário do que disse⁴⁴. De acordo com Bonhoeffer, um cristão tem que viver uma vida “mundana” e, deste modo, participar dos sofrimentos de Deus. Viver uma vida cristã não significa seguir certas regras, mas ser humano. Jesus demonstrou tal modo de vida comendo com pecadores, curando os doentes, recebendo as crianças, etc. Os pastores e os sábios do Oriente estavam junto à manjedoura não como pecadores con-

fessos, mas porque a manjedoura os tinha atraído. No Novo Testamento há outros exemplos: da mulher pecadora, de Zaqueu, Cornélio, Natanael, José de Arimatéia, Simão de Caná, etc., que igualmente se sentiram atraídos. Bonhoeffer faz o seguinte comentário sobre eles: “A única coisa que todos têm em comum é sua participação nos sofrimentos de Deus em Cristo. Esta é a ‘fé’ deles.”⁴⁵

Justificação pela Fé e Crentes Não-Batizados

O grupo três da Assembléia de Helsinki levantou o problema da relação entre Batismo e fé e disse que o Batismo é um convite à fé⁴⁶. Atualmente o mais recente problema teológico no meu contexto é o que fazer com os crentes não-batizados⁴⁷. Alega-se que na cidade de Madras o número de crentes em Jesus Cristo é igual ao número de cristãos. Agora a pergunta é: que faremos com eles? Como estamos relacionados com eles? Existe, afinal, alguma relação? Sem dúvida a salvação está condicionada à obediência à palavra de Deus, incluindo obediência ao mandamento de batizar. Mas o que exatamente queremos dizer quando afirmamos que a justificação é *sola fide*⁴⁸? Não deveríamos perguntar: Deus justificará uma pessoa que confessa sua fé em Cristo, mesmo que ela não aceite a Igreja? Por certo a pergunta persiste: por que os crentes se recusam a serem batizados? Precisamos mais discussão sobre este paradoxo recentíssimo com que se confronta a Igreja na Índia. Se é que uma atitude positiva para com esses “crentes” surgir no contexto do Terceiro Mundo, penso que ela deveria provir primeiro da doutrina luterana do *sola fide*.

Condescendência e Transformação da Justificação

Os luteranos se gabam das descobertas singulares de Martim Lutero, especificamente do conceito de justificação pela fé. Sem dúvida é correto fazê-lo quando observamos a vida de Lutero no seu próprio contexto. Hoje o cenário mudou, o ambiente é outro. Tudo o que Lutero imaginou ao usar as palavras “fé”, “justificação”, “missão”, “Igreja”, “gentios”, “religiosidade pagã”, etc. sofreu uma transformação. Já não podemos olhar para o conceito de justificação sem considerar sua vinculação intrínseca com conceitos como direitos humanos, luta pela liberdade, método democrático, justiça social e outros aspectos de nosso contexto multirreligioso e multicultural. Desde que a Reforma de Lutero passou pelo período pietista e pelo período moderno com uma intensa pesquisa das Escrituras e da teologia, a teologia luterana adquiriu, muito lamentavelmente, uma atitude elitista. Não deveríamos perguntar-nos quanta literatura tem sido publicada para os pobres, para aqueles que formam a parcela maior das igrejas no meu contexto? A teologia precisa descer ao nível das bases. É claro que palavras

como “pobre”, “justiça”, “bases” tornaram-se o jargão teológico do dia. Mesmo aqueles que pertencem ao Terceiro Mundo, e aqueles que falam pelo Terceiro Mundo inconsciente ou subconscientemente, falam de tal maneira que vasta parcela da população não consegue entender seus discursos de “torre de marfim”. Hoje, os cristãos do Terceiro Mundo têm extrema necessidade de escritos significativos e simplificados sobre como podemos entender Cristo, a Igreja, a missão, etc. É a linguagem que faz as coisas acontecerem. É o vocabulário que cria identidade. É claro que há gênios altamente inteligentes e versáteis, a nata da sociedade indiana, que brincam com reatores atômicos e programas de computador. É somente para eles que produzimos todo esse material? Olhem nossas revistas e livros teológicos. Eles estão quase no nível da terminologia, da linguagem e dos conceitos do Primeiro Mundo. No entanto, as estatísticas provam que a maioria dos cristãos na Índia provém do Dalit, i. é, dentre os oprimidos⁴⁹.

Pergunto-me como nós luteranos esquecemos de observar o método de Lutero de descer até a base, usando linguagem simples para permitir à pessoa comum entender a teologia⁵⁰. Lutero sabia da importância de ensinar o povo, e por isso produziu o Catecismo Menor. Ele expressou as verdades difíceis da Bíblia em linguagem e idéias bem simples. Em consequência, o protestantismo tornou-se a religião do povo. Não preciso fazer referência aqui ao método de Jesus de falar ao povo em parábolas e histórias. Façamos com que nossa linguagem teológica desça para tocar o povo no Terceiro Mundo e ensine o último dos irmãos.

É surpreendente e ao mesmo tempo interessante constatar que a palavra “justificação” não pode ser encontrada no Catecismo Menor. Sabemos que Lutero considerou o Catecismo Menor como um de seus melhores livros. Como, então, ele pôde esquecer um ensinamento tão importante? Lutero pôde fazê-lo porque a justificação era um processo de vida, mais do que mero ensinamento. Não são termos isolados que importam, mas a estrutura em que estão inseridos. Na Índia, onde predomina a teoria do carma, temos que ensinar tanto mais uma concepção positiva de sofrimento vicário como se pode ver na cruz. Talvez hoje precisemos interpretar nossa fé em termos de amor. Temos um longo caminho a percorrer para formularmos nossa estrutura teológica de acordo com nosso contexto multirreligioso e multicultural. Mas estou feliz que o processo tenha começado.

Desejo parar por aqui e deixar o restante da reinterpretação da justificação pela fé para o trabalho em grupo. Mas, como alguns amigos meus me persuadiram a apresentar minhas próprias opiniões, quero dizer o seguinte: a justificação pela fé é um conceito importante na teologia de Lutero, mas muita água já passou por baixo da ponte desde que Lutero expôs seu valor, e hoje em dia vejo que ela é cada vez mais mal-entendida, não deliberadamente, mas por causa da mudança de contexto. Assim meu apelo seria este: vamos fazer da santificação no amor o tema central da teologia. Afinal, justificação e santificação não se opõem totalmente, mas constituem

os dois lados da mesma moeda, a saber, da salvação, como tentei salientar ao longo desta tese. Termino minha palestra com esta observação e agradeço-lhes por sua atenção.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor. (1 Co 13.13.)

Notas

- 1 T. M. LUDWIG, "Some Lutheran Theological Reflections on Religious Pluralism", in: J. Paul RAJASHEKAR, ed., *LWF Report: Religious Pluralism and Lutheran Theology*, n° 23/24, Geneva, The Lutheran World Federation, 1988, pp. 129-55.
- 2 *Proceedings of the Fourth Assembly of the Lutheran World Federation, Helsinki, Berlin/Hamburg, Lutherisches Verlagshaus, 1965, p. 476.*
- 3 J. P. RAJASHEKAR, "The Challenge of Religious Pluralism to Christian Theological Reflection", in: *LWF Report*, n° 23/24 (v. nota 1), p. 21.
- 4 Cf. D. W. JESUDOSS, "Stärke und Nutzen der Kultur", *Zeitschrift für Mission*, 11(3):151-155, 1985.
- 5 Martinho LUTERO, *Pelo Evangelho de Cristo; Obras Seleccionadas de Momentos Decisivos da Reforma*, Porto Alegre, Concórdia; São Leopoldo, Sinodal, 1984, pp. 30-1.
- 6 Martinho LUTERO, *Obras Seleccionadas; volume 2: O Programa da Reforma; Escritos de 1520*; São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1989, p. 450.
- 7 Cf. H. G. PÖHLMANN, *Abriss der Dogmatik*, Gütersloh, Gerd Mohn, 1975, pp. 233ss.
- 8 Ibid.
- 9 R. H. BAINTON, *Here I Stand*, New York, Cokesbury; Nashville, Abingdon, 1950, pp. 39-67.
- 10 Podemos comparar a afirmação de Lutero com a de Paulo, que também distinguia duas espécies de lei; de acordo com uma, ele era o "principal" dos pecadores (1 Tm 1.15), e, de acordo com a outra, era "irrepreensível" (Fp 3.6).
- 11 *The Babylonian Captivity of the Church*, Philadelphia, Muhlenberg, 1943, p. 248 (Works of Martin Luther, vol. 2).
- 12 W. LOHFF, "Justification and Anthropology", *Concordia Theological Monthly*, vol. 44, jan. 1973; cf. também T. G. TAPPERT, ed., *The Book of Concord*, Philadelphia, Fortress, 1979, p. 110.
- 13 "Christ Yesterday Today Forever", A Study Document *On Justification*, New York, 1966; cf. também H. G. PÖHLMANN, op. cit., pp. 233ss., onde o autor prova

claramente que a teologia luterana sustenta não apenas a concepção de justificação como declaração, mas também como imputação; não somente como uma mudança de cima, mas também como uma mudança interior, como uma declaração exterior e uma resposta interior, etc. Segundo ele, a compreensão luterana de justificação não é apenas uma declaração de cima, mas um novo movimento a partir de baixo, não apenas um momento de pronunciar um veredito, mas um processo na ordem de salvação.

- 14 W. JENTSCH, H. JETTER et al., eds., *Evangelischer Erwachsenekatechismus*, Gütersloh, Gerd Mohn, 1977, p. 416.
- 15 Para maiores detalhes sobre a justificação pela fé no contexto indiano, veja D. W. JESUDOSS, *What is Man?*, Madras, Gurukul, 1986, pp. 158-72 e 188-203.
- 16 Braaten escreve: "Ignorar as religiões poderia ser amputar uma porção do trato de Deus com a história humana e o mundo." C. E. BRAATEN, "Lutheran Theology and Religious Pluralism", in: *LWF Report*, op. cit. (nota 1), p. 113.
- 17 S. AMIRTHAM & S. W. ARIARAJAH, eds., *Ministerial Formation in a Multi-Faith Milieu*, Geneva, World Council of Churches, 1986, pp. 4ss.
- 18 *Ibid.*, p. 8.
- 19 Amirtham escreve: "O contexto de muitas crenças não produz impacto significativo sobre a compreensão e prática da missão e do ministério dos cristãos asiáticos, ou sobre os programas de formação ministerial dos obreiros e líderes, se bem que algumas tentativas importantes em termos de diálogo inter-religioso tenham sido feitas por várias escolas, institutos e igrejas."
- 20 *Ibid.*, pp. 22, 25.
- 21 R. BOYD, *Khristadvaita*, Madras, The Christian Literature Society, 1975, pp. 229-31.
- 22 R. FRÖHLICH, *Gurukul Notes*, ed. tâmil, Madras, Diocesan Press, 1936, pp. 1-179.
- 23 *Ibid.*, p. 25.
- 24 W. HOERSCHELMANN, *Christliche Gurus*, Frankfurt, Peter Lang, 1977.
- 25 Cf. M. M. THOMAS, *The Acknowledged Christ of the Indian Renaissance*, London, SCM, 1969, p. 235.
- 26 T. M. LUDWIG, op. cit. (nota 1), p. 155.
- 27 W. JOEST, *Religion in Geschichte und Gegenwart*, vol. V, p. 828; e *Evangelischer Erwachsenekatechismus*, op. cit. (nota 14), p. 424.
- 28 D. W. JESUDOSS, "Luther's Concept of the Two Kingdoms", *Gurukul Perspective*, 29, 11ss., jan.-mar. 1988.
- 29 É importante mencionar aqui o apego de Lutero à palavra "temer", junto com o amor a Deus, nas explicações de todos os Dez Mandamentos. Cf. "Catecismo Menor", in: *Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1980.

- 30 “Uma das principais características dessa mudança de clima é a perda da dimensão escatológica na vida humana. Na Idade Média os homens viviam numa consciência intensa de Deus como Senhor e Juiz. A morte já não é o encontro com Deus, o Juiz, o romper através da cortina para dentro da presença da realidade.” *On Justification*, op. cit. (nota 13), pp. 10s. Cf. também D. W. JESUDOSS, “Reflections on the Paper Presented by Dr. Daniel Chetti on ‘Luther’s Doctrine of the Church’”, *Gurukul Perspective*, 28,16, abr. 1987.
- 31 H. G. PÖHLMANN, op. cit. (nota 13), pp. 296s; *Proceedings of the Fourth Assembly of the LWF*, op. cit. (nota 2), p. 478.
- 32 “Não é apenas a validade da justificação como interpretação do evento de Cristo que está em questão, mas toda a interpretação do Antigo Testamento pela Igreja apostólica. Grandes mudanças aconteceram tanto em nosso entendimento da Bíblia como na situação missionária da Igreja cristã. A teologia tem que colocar-se em condições de enfrentar as novas circunstâncias.”
 “Uma terceira dificuldade é a causada pela erosão de termos teológicos no nosso tempo. Todo o nosso vocabulário religioso sofreu com essa erosão. Nossas expressões teológicas são como moedas que estiveram tanto tempo em circulação que se tornaram lisas e dificilmente podem ser identificadas. Isso leva à confusão.” *On Justification*, op. cit. (nota 13), p. 9.
- 33 “Hoje não podemos sem mais nem menos pôr de lado o ensinamento teológico da Igreja Romana como abertamente falso, não-bíblico e não-evangélico. Um segundo conjunto de dificuldades nos foi colocado pelo avanço do estudo literário e histórico da Bíblia.” *On Justification*, op. cit. (nota 13), p. 8.
- 34 “Somente a pregação apropriada da lei, que aguçarà a consciência do homem além desse tipo de moralidade de códigos, e a pregação do perdão por causa de Cristo podem transformar essa religiosidade em verdadeiro cristianismo. Se as igrejas são clubes para as pessoas respeitáveis, isso acontece porque o evangelho do perdão não está no coração da mensagem cristã. Se não existe amor verdadeiro entre aqueles que se reúnem para adorar juntos, é porque não se foi atingido pelo amor que perdoa e aceita, fazendo de muitos um só. Por isso, nada pode ser mais relevante hoje ou em qualquer época do que a correta distinção entre lei e evangelho, ou seja, em outras palavras: a proclamação da justificação somente por graça, por causa de Cristo, através da fé, para boas obras.” M. J. HEINECKEN, “Man Today and the Message of Justification”, *Lutheran World*, 9(3):203, jul. 1962.
- 35 Cf. D. W. JESUDOSS, “Das Menschenbild in der Bhagavadgita und der Bibel”, in: *Indien wartet*, Hildesheim, ELM, 1984, pp. 94-112.
- 36 *On Justification*, op. cit. (nota 13), pp. 8ss.
- 37 *Ministerial Formation in a Multi-Faith Milieu*, op. cit. (nota 17), p. 9.
- 38 Eu diria que budistas e jainistas ou sikhs e muçulmanos podem conviver melhor que judeus e muçulmanos.
- 39 P. ex., sistema de castas, línguas, sistema de classes, filosofia da religião, etc.
- 40 P. ex., patriotismo em Israel, Inglaterra, Índia ou Rússia.
- 41 R. BOYD, op. cit. (nota 21), p. 271. Pergunto-me por que Braaten não incluiu o nome

de Bonhoeffer ao lado de Althaus, Ratschow, Tillich, Pannenberg no seu estudo supracitado (nota 16). É claro que Bonhoeffer não sistematizou seus pontos de vista; na verdade não teve tempo para isso.

- 42 D. BONHOEFFER, *Treue zur Welt*, München, Chr. Kaiser, 1981, p. 19.
- 43 Homens na sua angústia se chegam a Deus,
imploram auxílio, felicidade, pão;
que salve de doença, de culpa e de morte os seus.
Assim fazem todos, todos: cristãos e pagãos.
Homens se aproximam de Deus, quando Ele em dor,
acham-no pobre, insultado, sem agasalho, sem pão.
Vêem-no por nosso pecado vencido e morto, o Senhor;
cristãos permanecem com Deus na Paixão.
Deus está com todos na sua angústia e dor.
Ele dará de corpo e alma o eterno pão.
Morre por cristãos e pagãos como Salvador,
e a ambos perdoa em sua paixão.
De: *Resistência e Submissão*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Leopoldo, Sinodal, 1980, pp. 176s.
- 44 D. BONHOEFFER, *Letters and Papers from Prison*, Collins, Fontana Books, 1970, pp. 31ss.
- 45 D. BONHOEFFER, *Treue zur Welt*, op. cit. (nota 42), p. 40.
- 46 *Proceedings of the Fourth Assembly of the LWF*, op. cit. (nota 2), p. 477.
- 47 A mais recente publicação de Gurukul (ainda no prelo) é o livro *Churchless Christianity*, de H. HOEFER.
- 48 Segundo Braaten: “A justificação *sola fide* corta as raízes do orgulho e da autodivinização do homem para deixar Deus ser Deus. Somente a fé permite a Deus realizar a obra da salvação; as religiões tentam obter salvação por obras humanas.” *LWF Report*, op. cit. (nota 1), p. 119.
- 49 O Prof. Moritzen deixa claro que nossa vida cristã depende da imagem de Jesus que temos. Ele apresenta a justificação como base da vida cristã e, ao mesmo tempo, enfatiza suas conseqüências naturais: construir uma “Igreja para os outros”, ter um alvo definido e meios claros de atingir esse alvo, e mostrar nossa atitude “fraterna” para com aqueles que se candidatam a um discipulado no seguimento das pegadas de Jesus Cristo. Cf. *Evangelische Mission*, Hamburg, Missionshilfe Verlag, 1982, pp. 212-7. Cf. também D. W. JESUDOSS, “The Rise and Growth of Dalit Movement; an Offshoot or Solution to the Age-Old Caste Problem of India”, in: *Mission — erfahren, gepredigt, reflektiert*; Prof. Dr. Niels Peter Moritzen zum 60. Geburtstag, Erlangen, ELM, 1988, pp. 226—38.
- 50 TECCA (Theological Education for Christian Commitment and Action) e TAFTEE (The Association for Theological Education by Extension) realizam algum trabalho nessa área.